

Cursos de Formação Popular – A Experiência do Bairro Solidariedade

Alberth A. Rodrigues¹, Aline A. G. R. Santos², Douglas de M. Carvalho³

¹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, Campus Mucuri - Teófilo Otoni-MG-
betimcatuji@hotmail.com

² Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Campus Mucuri - Teófilo Otoni-MG-
ruas.aline@yahoo.com.br

³ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, Campus Mucuri - Teófilo Otoni-MG-
douglasgordo@hotmail.com

Resumo

No ano de 2006, moradores do Bairro Solidariedade procuraram a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM – com o intuito de que esta conhecesse a sua região e enquanto instituição pública, propusesse melhorias para a vida da população do bairro. Após longo processo de discussão entre estudantes e professores do curso de Serviço Social, surgiu o projeto “Café Filosófico: Cidadania e Participação Popular”, que tem como objetivo debater com a comunidade, através de encontros mensais, temas variados referentes à política e à cidadania. A partir de reflexões dos próprios moradores durante estes encontros, a criação de um pré-vestibular de caráter público e com viés crítico se colocou como uma possibilidade rica para o bairro e como uma forma de a universidade pública cumprir com uma de suas obrigações cruciais que é a extensão. Aborda-se neste artigo o processo de concretização do Curso de formação popular, com o intuito de que, através da apresentação de suas dificuldades e conquistas, sirva de exemplo a outras experiências, neste modelo.

Palavras-chave: Curso de Formação Popular; Educação Libertadora; Paulo Freire

1 O surgimento da demanda do curso de formação popular

Apresentada em 2006, a demanda de presença da UFVJM no Bairro Solidariedade (que se localiza periféricamente no município de Teófilo Otoni) pelos próprios moradores deste, a imediata indagação que se colocou aos professores e estudantes foi: de que forma atendê-la? Após vários encontros, a construção de um projeto de extensão que debatesse temas candentes na vida da população da comunidade, que como quase tanto outras localizadas na periferia das cidades, historicamente se viu solapada de direitos básicos¹, foi entendida como a mais interessante pelo grupo. Assim surgiu o Projeto de Extensão: “Café Filosófico, Cidadania e Participação Popular”.

A organização e operacionalização deste processo inicialmente ficou a cargo de professores e estudantes estagiários do curso de Serviço Social. Nos encontros realizados no bairro os participantes expressavam em suas falas um grau enorme de insatisfação pela representação social que a sociedade tinha perante o bairro tais como pobreza, desemprego associados à violência. Outro ponto que destacou nas reuniões foi sobre as questões relacionadas à falta de calçamento e iluminação pública em algumas ruas, baixo número de inserção de moradores em

¹ Direitos básicos, como até mesmo o de se fazer ouvir.

ensino de terceiro grau. No entanto, apesar de todos esses desafios encontrados no bairro havia um forte desânimo por parte dos moradores em se mobilizar para enfrentamento dessas questões.

A realidade colocou-nos a obrigação de procurar o auxílio e colaboração de professores e profissionais de outras áreas como Economia, Filosofia, Letras, Geografia etc. Os temas das palestras foram definidos pelos próprios moradores e nas reuniões estes têm a oportunidade de expor suas demandas, sua história de vida e ter acesso a algo que as populações mais vulnerabilizadas socialmente normalmente carecem: informação. Informação sobre direitos trabalhistas, assistência social, organização política, Constituição Federal etc. Os encontros são mensais e contam também, muitas vezes, com profissionais que não são ligados diretamente a UFVJM, mas que também enxergam o espaço enquanto locus efetivo de vocalização de pessoas historicamente excluídas desta possibilidade. Aos estudantes, o contato com as mais variadas expressões da “questão social” (desemprego, pobreza, apatia política etc) se constituiu como momento importante para a sua formação, uma vez que esta expressão social é o próprio objeto de trabalho do serviço social. Entre estas expressões, uma se evidenciou desde os primeiros encontros: a dificuldade de acesso dos moradores ao ensino superior. A criação de um curso pré-vestibular apontava para uma dimensão particular do bairro, mas que se articula com uma totalidade que é o ínfimo percentual de pessoas com ensino superior no Brasil que é de cerca de 10% (na Argentina este índice é de 90%), além de se constituir como importante frente de trabalho do Serviço Social.

Mas cursos pré-vestibulares encontram-se disseminados por todo o Brasil. Por que mais um? A lógica puramente mercadológica imanente aos cursos preparatórios serve basicamente para enriquecer algumas pessoas e perpetuar a desigualdade social². Não garante acesso à educação à maioria da população brasileira, às vezes carente de serviços públicos essenciais como: saneamento básico, educação básica, transporte etc.

O curso de formação popular surge por meio das explicitações nos encontros do Café Filosófico relacionadas ao baixo número de estudante do bairro inseridos no ensino superior. Com a aproximação da universidade a esses moradores, este sonho tornou-se menos distante. Pensou-se então, partindo do interesse dos moradores, na realização de um curso preparatório que os permitisse enxergar os porquês da condição econômica e social do bairro, possibilitando-os possuir maior conhecimento para enfrentar tais desafios e ao mesmo tempo contribuísse para a inserção na universidade.

Sob a orientação dos professores envolvidos no projeto - a leitura de autores críticos das ciências sociais e da educação (sobretudo do grande educador Paulo Freire) e o posterior debate constituiu-se como instrumental teórico e metodológico fundamental para a prática: no caso a implementação do curso preparatório. A resposta à questão colocada foi então coletivamente formulada: a criação de curso preparatório, mas que incorporasse em sua grade curricular disciplinas que propiciassem aos seus beneficiários uma leitura crítica da ordem social vigente e a emancipação dos sujeitos envolvidos como premissa básica. Todas as ações propostas e o formato definido para o curso foram pensados tendo sempre em vista um projeto profissional crítico, este assim definido por Guerra:

[...] Profissional que reconhece suas competências e imprime qualidade técnica às suas ações com uma direção crítica clara e consciente, visando a defesa

² Segundo Fiori (1967), “em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes.”.

permanente dos direitos sociais e humanos, considerados como conquista da humanidade, herança das lutas dos movimentos sociais e trabalhistas progressistas, de modo a superar a histórica vinculação do profissional com o conservadorismo. (GUERRA, 2007).

2 O método Freiriano – educação libertadora para uma sociedade desigual

Cabe-nos aqui melhor explicitar a metodologia de ensino capaz de atender às características acima mencionadas. O formato do curso popular foi pensado utilizando-se principalmente da apreensão de elementos apresentados por um educador brasileiro mundialmente conhecido, Paulo Freire. A educação pode ser atrativa e se constituir como instrumento de alteração da realidade de uma sociedade de classes. Para tal, deve-se assentar sobre o diálogo e o debate das questões do dia-a-dia. Este é um aspecto crucial do inovador método freiriano. Assim, a projeção de cenas da vida cotidiana faz-se ação necessária ao processo ensino-aprendizagem, obtendo-se assim a simbiose entre o mero alfabetizar e a reflexão política por parte dos educandos sobre a sua condição de oprimidos neste mundo tão desigual. A educação passa assim a ser considerada “libertadora”³, pois foge do campo restrito da sala de aula e começa a debater os dilemas e inquietações presentes nas múltiplas esferas da realidade social, onde as desigualdades se apresentam. O indivíduo (não desconsiderando a totalidade social), por mais pobre que seja, é considerado como sujeito histórico de transformação, eis aí uma clara característica do pensamento marxista⁴.

Discute-se inicialmente com os educandos elementos concretos da sua vida cotidiana e a partir daí, a reflexão crítica sobre a mesma, propicia-lhes o entendimento de que vivemos em uma sociedade de “opressores” e de “oprimidos” e só a estes últimos é possível a alteração de sua vida de exclusão, para isto, Freire, postulou que a pedagogia também tem que se dar no sentido de ser libertadora para os sujeitos explorados, em outras palavras - parafraseando o título do seu mais famoso livro - “Pedagogia do Oprimido”.

Como já dito, a educação - na concepção de Freire - não se limita apenas ao campo restrito do letramento, mas considera todas as faces da realidade social, onde as desigualdades de manifestam. Por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra - MST- que apesar de críticas, mantém-se como movimento de caráter classista na luta pela Reforma Agrária no Brasil, utiliza o método de Paulo Freire como base da formação de seus militantes. Lá as chamadas “palavras-geradoras”, como “bloco”, “enxada”, que têm para o movimento um forte simbolismo político de “construção”, “luta”, etc são sempre ressaltadas enquanto “potência” para a sua luta. Neste mesmo sentido cito o fantástico trabalho que fez, no Nordeste brasileiro, com comunidades de pescadores. Considerando importante o vocabulário próprio e a história cotidiana do povo desta, aproximou-se e estimulou-lhes que pensassem a realidade, utilizando-se dos conhecimentos e dos conceitos (atribuídos aos objetos e às situações) que estes pescadores já detinham, para a partir daí, avançarem coletivamente na busca da mudança da realidade excludente a que estavam atrelados.

³ Pedagogia que vá além da mera reprodução de conceitos e mantenedora do *status quo* capitalista, mas que, pelo contrário, considere a história, o saber, as capacidades próprias do ser humano (como sua capacidade teleológica e a atribuição de conceitos) e o querer dos envolvidos, numa perspectiva coletiva de luta.

⁴ O seu livro mais conhecido: “Pedagogia do Oprimido”, publicado em nos deu clara evidencia de sua tendência marxista.

Frei Betto, na contracapa de “Pedagogia da Autonomia”, bem nos ilustra a perspectiva da educação enquanto ação transformadora para este pensador: “O senhor (*Paulo Freire*) fez os pobres recuperarem auto-estima. Graças a seu método de alfabetização, eles aprenderam que “Ivo viu a uva” e que a uva que Ivo viu e não comprou é cara porque o país não dispõe de política agrícola adequada e nem permite que todos tenham acesso à alimentação básica” (BETTO, 1996).

Portanto, são nessas características, inovadoras no sentido de incorporar um viés crítico e transformador em um campo tradicionalmente conservador que é o campo da educação é que baseamos o nosso curso de formação. Educação com vistas à liberdade e o respeito à historicidade e a capacidade de entender, criticar e alterar o mundo - através do exercício da práxis por parte dos sujeitos oprimidos.

3 Curso de formação popular – primeiros passos

Diante do contato que construímos com profissionais das áreas de: Matemática, Português, Ciências Sociais, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social dentro da UFVJM, articulamos uma primeira reunião com os mesmos, com o intuito de expor a idéia do projeto, o número de interessados no curso, o papel da universidade diante dessa demanda e, sobretudo, o caráter do mesmo⁵. A partir desta reunião, realizada em abril de 2010, foram sugeridos encontros aos sábados no período das 13:00 hs às 17:00 hs na UFVJM, devido aos moradores que trabalham aos sábados pela manhã. As regras para o ingresso do público ainda estão em definição; por hora, convencionamos que sejam moradores do bairro Solidariedade e dos arredores da UFVJM e que tenham terminado ou em estágio de conclusão do último ano do ensino médio, independentemente da idade.

Exposta esta proposta aos moradores, estes apresentaram certa resistência com relação ao local de realização do curso, a UFVJM. Argumentamos que esse seria um movimento de alteração não só do espaço físico da vivência cotidiana, mas também de mudança de vida, de apropriação do espaço da universidade, de contato com professores e estudantes, enfim, aproximação com a rotina daquele meio que almejavam alcançar. As explicações foram plenamente entendidas e acolhidas tanto pelos interessados no curso, quanto pelos demais moradores do Bairro Solidariedade.

Atualmente os encontros ocorrem na UFVM aos sábados das 13:30 às 17:30 horas e contam com aproximadamente 25 cursistas, sendo inscritos o número de 34, ao todo. A evasão, bem como a alta rotatividade dos cursistas tem se constituído como algumas das principais preocupações de toda a equipe envolvida na operacionalização do projeto. Saber apreender, refletir e intervir nesta realidade concreta e imediata é fundamental. A este respeito afirma Guerra:

Como um sistema rico de mediações, o espaço institucional, muitas vezes apreendido apenas na imediatividade do cotidiano, põe demandas individualizadas que só fazem sentido ao serem analisadas na sua articulação com outras, como expressão de determinações universais, ou seja: 1) da sociedade mais ampla; 2) do modo de produção; 3) das relações sociais; 4) do projeto

⁵ Interessante observar que anterior a esta articulação com os profissionais da UFVJM, a partir de 2007, os próprios estagiários elaboraram grade mínima de temas básicos a serem tratados naquele bairro por eles próprios e por professores que se dispuseram num esforço pessoal. Tal ação se tornou necessária para evitar possível desânimo pelos estudantes do bairro, haja vista a demora gerada por todo o trâmite burocrático intra-faculdade.

neoliberal; 5) das reformas pelas quais o Estado passa no intuito de desmontá-los, em outras palavras. (GUERRA, 2007)

Portanto, identificar o porquê destas situações, articulando-as a um conjunto, a uma totalidade social, a uma relação social de produção⁶ é a tarefa a que, nós, estudantes, propusemo-nos com este projeto.

O curso tem premissas básicas de funcionamento: concepção crítica⁷, consideração da realidade dos cursistas, diálogo constante com os mesmos para detectar problemas e construir de forma coletiva soluções, entre outros; as alternativas e estratégias de ação, entretanto, como já demonstrado se alteram sempre. A realidade social a todo momento coloca, parafraseando Lukács: “novas necessidades e possibilidades” de ação.

Assim, em reunião no mês de junho do corrente ano pontuamos ações imediatas: procurar identificar o motivo da evasão, eleição dos coordenadores do curso para que o mesmo seja institucionalizado e assim garantir material didático-pedagógico aos cursistas, assegurar as horas extras acadêmicas aos estudantes da matemática inseridos no projeto de intervenção e reconhecer-se formalmente a importância do trabalho de estagiários e professores das diversas áreas que disponibilizam boa parte de seu tempo no planejamento de ações, tendo sempre como horizonte o bom andamento do curso.

4 Alguns elementos importantes para o êxito do curso até o momento

Destacamos, a seguir, impressões apreendidas desde o acolhimento da demanda apresentada pelo bairro até a situação atual.

1. a existência do Projeto de Extensão “Café Filosófico, Cidadania e Participação Popular” se constituiu como um fator fundamental para a identificação de uma demanda que realmente desse conta de necessidades apontadas pela própria comunidade;
2. grande compromisso e dedicação demonstrados pelos estagiários durante todo o processo (distância entre eles, cansaço proveniente do envolvimento em outras atividades universitárias e mesmo do trabalho, burocracia institucional [...] nada os impediu de levar à frente a demanda apresentada);
3. bom relacionamento entre professores e cursistas;
4. boa articulação entre os membros do curso, que tem um caráter de interdisciplinaridade:
 - a) a equipe de matemática está inserindo e aprimorando metodologias que valorizem o raciocínio, sem a preocupação dos cursos formais de pré vestibular que é a resolução de questões. b) A professora de português está trabalhando inicialmente leitura e interpretação de textos identificando com os cursistas qual o objetivo das notícias de jornais, recados, textos em geral;
 - c) a equipe do serviço social expõe em seus momentos a idéia central do curso, que possui como norte a contribuição na formação de cidadãos críticos. Outra função levada a cabo pelo serviço social está em identificar os motivos das possíveis evasões dos moradores do curso e tentar, juntamente com os mesmos, pensar soluções para essas questões.

⁶ Que no sistema capitalista configure-se como altamente excludente e exploradora de uma maioria.

⁷ Embora inicialmente o curso tenha partido de estudantes e professores do curso de Serviço Social, impressionou-nos o quão rapidamente foi assimilado o seu “caráter” diferenciado por outras áreas, sobretudo pela matemática, ciência considerada por muitos como “fechada em seus cálculos e distante do debate promovido pelas ciências humanas”.

Aos professores, além do planejamento, coube também a tarefa de a todo o momento manter nos estudantes a esperança e a alegria face ao projeto em que estão envolvidos, uma vez que a dura realidade cotidiana sempre os coloca diante de posições muito mais cômodas, como por exemplo, a concepção fatalista (“ não há possibilidade de qualquer mudança!”, “o capital já dominou a todos!” etc), infelizmente muito notada nos profissionais atualmente.

5 Conclusões

Alguns desafios são postos à equipe, tais como: burocracia da UFVJM, dificuldade de reuniões com a presença de todos os professores e estudantes envolvidos no projeto e elevada taxa de evasão dos cursistas (seja por motivo de trabalho ou desânimo devido a dinâmica cansativa do seu cotidiano). Apesar de que muitas destas ações exigem trato imediato, o planejamento e sistematização das nossas ações de forma reflexiva são sempre adotados.

Salientamos que o curso já está ocorrendo, mas ainda não se encontra institucionalizado, o que dificulta o acesso a material didático-pedagógico aos cursistas. Para tal estamos em fase de encaminhamento de toda a documentação requerida para tal.

O Curso de formação, para a nossa grande satisfação, tornou-se realmente popular. A todo o momento chegam a nós nomes de interessados em fazê-lo. Devido a isso, toda a equipe está pensando e se organizando para resolver o que fazer com essa crescente demanda. Algumas indagações sempre nos fazemos: “Teremos que fazer critério de seleção? Qual critério utilizar em um curso que tem como objetivo o de diminuir a exclusão social e que vislumbra o conhecimento enquanto instrumento para tal ? Essas são questões que surgem, mas que precisam ser amadurecidas junto à equipe como um todo e pensadas em conjunto com os cursistas e moradores do Bairro Solidariedade, porque o que se busca é uma formação para aqueles que não a tiveram e observar esse número crescente de interessados pelo curso de formação reflete o grau de despreparo educacional da população para si inserir em universidades devido uma pouca leitura da realidade local e luta pelos direitos sociais. Portanto os desafios são muitos, destaca-se aqui a baixa participação dos moradores do bairro nas ações a eles relacionadas, ou seja, a partir da realidade vivida no cotidiano buscar saída e respostas para as questões de forma coletiva. No entanto, mediante o constante exercício da práxis, sempre encontramos possibilidades concretas de propor soluções diferenciadas à realidade excludente em que estamos inseridos. O contato com esta realidade é uma grande oportunidade de os estudantes notarem de forma palpável e concreta, a possibilidade e limitação práticas de projetos que tenham elementos de crítica à sociedade excludente, premissa do curso de Serviço social; que mesmo após toda a falácia do “fim da centralidade do trabalho”, continua a apontar em seu projeto profissional a construção de uma nova ordem societária - desvencilhando-se das armadilhas da pós-modernidade e do fim do trabalho enquanto elemento fundante da constituição do ser social.

6 Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Obra Disponível no site: www.sabotagem.revolt.org

GUERRA, Yolanda. O projeto profissional crítico: estratégias de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional. In. Revista Serviço Social & Sociedade. N. 91. Ano XXVII. Edição Especial. São Paulo: Cortez Editora, 2007 (p. 5-33).

VII ENEDS – Teófilo Otoni, MG, Brasil, 23 e 24 de Setembro de 2010

LUKÁCS, George. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. Temas de Ciências humanas. São Paulo, n4, 1978